

**Dois testemunhos, um galego e outro trasmontano,  
da remota ZOOLATRIA**

O homem vive e mantém a sua capacidade de vivência à custa de 3 elementos fundamentais, basilares e absolutamente indispensáveis à vida, que são, o ar, a água e os alimentos. Estes, basicamente, são as plantas e os animais.

A água foi considerada pelos povos antigos de períodos mais ou menos remotos, como um dom ou graça divina.

Há fontes de águas santas em várias regiões de Portugal.

Um exemplo é o da fonte da freguesia de ÁGUAS SANTAS, do concelho da Maia, onde vivo desde os 6 meses de idade.

Corre na tradição local que uma nossa rainha, há quem diga ter sido a Rainha D. Mafalda esposa do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques, com achaque gástrico doloroso, por ali passou e bebeu água da fonte que fica a uma escassa centena de metros da velha igreja românica, matriz da freguesia.

O alívio do mal-estar gástrico foi tão acentuado e tão imediato que a rainha, num misto de gratidão e de admiração, teria dito.

— Ó águas santas! Nome que depois se estendeu a toda a terra que é hoje a freguesia do mesmo nome.

Há plantas e árvores que foram, e continuam a ser, consideradas árvores sagradas, que ainda hoje o povo de algumas regiões respeita e venera.

A carne desde há longínquos milénios que faz parte da dieta dos homens.

Logicamente os animais são uma excelsa e prestimosa dádiva da Natureza à disposição e proveito da Humanidade.

São muitas as pinturas e as gravuras de animais encontradas em grande número de cavernas, palas ou abrigos pré e proto-históricos.

Caça e pesca, em longos períodos da evolução da Humanidade, foram actividades predominantes para assegurar o abastecimento de carne na alimentação dos homens.

No Neolítico, para se libertar das contingências da caça e até da simples colheita de produtos silvestres, o homem começou a semear plantas e a criar animais em cativeiro; fez-se lavrador e pastor.

No evoluir da criação dos animais domésticos o porco ocupa um lugar de grande realce e de suma importância, quer pela excelência da carne, quer pela facilidade da criação em estábulo ou curral, tantas vezes associada ao pastoreio à vezada ou vezeira.

São muitas as estátuas zoomórficas de pedra, mais de 200, até à data achadas em Portugal e na Espanha, representando sobretudo porcos e touros.

As estátuas porcinas têm os testículos bem esculpido na traseira pelo que todas representam porcos machos ou de cobrição, que em Portugal se chamam *barrões* ou *berrões* e em Espanha *verracos*.

Foi um destes berrões que em 1952 apareceu em Picote, freguesia do concelho de Miranda do Douro, que tive ensejo de o estudar.

Foi achado de pé a meio de um recinto murado circular, a que se seguia um corredor de 9 metros de comprimento.

Falta-lhe a cabeça, é de granito, tem 1,44 m de comprimento por 52 cm de largura nos flancos. As patas estão largamente implantadas em continuidade granítica no sóco, base ou peanha, que forma com o berrão uma só peça ou um todo. Representa um porco doméstico, como o atestam os refegos, *ronchos* ou *calções*, nos jarretes das patas posteriores.

Nas escavações que ali fiz em 1952 e 1953, acharam-se alguns dentes e grande quantidade de fragmentos de ossos, de boi, de carneiro, de cabra, de porco e de coelho, que, pelo pequeno tamanho, foram considerados como restos de comida.

Apareceu um pequeno bronze romano de Constâncio II (séc. iv) e também de bronze, uma fíbula deformada por esmagamento, uma pinça e um pedaço de uma agulha de coser, com 62 mm de comprimento, sem ponta e dobrada 2 cm adiante do olhal da enfiadura.

Acharam-se bastantes restos de vasos de cerâmica de 2 tipos: uns bojudos, são porções de vasos altos próprios para conter líquidos; outros são aplanados, baixos ou ladeiros, à maneira de pratos, seriam destinados a substâncias sólidas, carne, frutas ou comida.

Em face das condições do achado, aquele porco de pedra, encontrado de pé a meio da câmara circular seguida de corredor de 9 m de comprimento, seria um ídolo.

Os muitos ossos achados e o seu estado fragmentar permite supor que tenham entrado no preparo de comidas.

A hipótese de ritos litúrgicos de oferendas afigura-se-nos plausível.

A coexistência de fragmentos cerâmicos de vasos altos e bojudos e a de peças aplanadas e ladeiras, à moda de pratos, levam a admitir que as práticas do culto àquele ídolo revestiriam cerimónias rituais entre as quais a deposição de comidas como oferenda.

Este o testemunho prestado pelo berrão de Picote à ZOOLATRIA porcina.

Vejamos agora o testemunho prestado por um *verraco* aparecido algures na Galiza.

Em Junho de 1977 fiz no excelente Museu de Pontevedra uma conferência sobre *A cultura dos berrões no noroeste peninsular, norte de Portugal e na Galiza*. À minha conferência assistiu o Frei António Monteiro O. F. M. do convento de S. Francisco, de Pontevedra. Este culto frade franciscano falou-me de um grande berrão, aparecido havia cerca de 20 anos numa freguesia da província da Corunha, onde se encontrava em missão apostólica.

Manifestei vivo interesse pelo que me contou aquele culto frade galego quanto ao *verraco* corunhês.

Depois, em carta de 28-8-78 deu uma série de informações que conferem àquele berrão um especial relevo.

Frei António Montero na sua carta amiga refere logo de entrada.

«Yo, por más esfuerzos que hice no recuerdo el nombre de la parroquia en donde ocurrió el hallazgo; son muchas las feligresias que, preparando preceptos pascales y dando misiones, recorro al año».

De qualquer modo, mesmo sem a indicação justa e precisa do local do achado, a natureza do mesmo justifica a publicação dos elementos colhidos «in loco» por Frei António Montero e gentilmente fornecidos na carta, da qual se transcreve o que segue.

«Hace unos 20 años, poco más o menos, hallandome de ministério pastoral en una parroquia de la provincia de La Coruña, segun creo, sobrevino una gran tormenta con una gran tromba de agua, avisaron os mozos del lugar que en las proximidades las aguas habian puesto al descubierto unos muros y una estatua de piedra. Salimos el cura y yo y encontramos en la base de un monte unos muros de forma semicircular que levantarian como un metro del suelo, en el centro un verraco muy grande que mediria bien dos m de largo por uno de alto. Escultura de buena labra con una bolsa testicular muy abultada y un pene descomunal. Creia el viejo cura que era un oso, pero se tratava de un cerdo. Los mozos se reian de las partes sexuales del animal, cosa que o cura llevó muy a mal reprendiendolos muy asperamente y aquella misma noche con un martillo le machacó. Se me olvidaba que en médio del recinto formado por el muro circular habia un pedestal formado por piedra de manposteria superpuestas, de la altura de los muros, un m aproximadamente. No dudé un momento de que el verraco estuvo en cima del pódio. Como tanto el bicho como los muros estaban ahumados sospecho que receberia ritos en que se quemaban cosas.»

Em face do que acabamos de expor há que realçar as observações feitas pelo espírito perspicaz de Frei António Montero e recordadas passados cerca de 20 anos.

— A estátua de pedra «de buena labra» foi achada no meio de recinto semicircular, parcialmente destruído pela enxurrada da tromba de água.

— A existência a meio do recinto de um pedestal de pedras sobrepostas, que seria o pódio ou plinto para nele pôr o berrão.

— A escultura era de um porco com os órgãos sexuais masculinos exuberantemente esculpidos.

Embora infelizmente quebrado, e os seus pedaços ainda não tenham sido achados, o certo é que o verraco foi encontrado «in loco» num recinto certamente circular, no meio do qual havia um pedestal onde, digamos, o bicho tinha sido posto como em trono ou altar.

Há alguns aspectos ou feições de concordância entre os dois achados, o português de Picote e o galego de uma aldeia da província de Coruña, e, sobretudo, o que se julga fundamental, ambos encontrados no meio de recintos arredondados.

Podemos concluir em face do conjunto das circunstâncias apuradas nos dois achados, que têm razão aqueles que consideram os *berrões* ou *verracos*, como estátuas votivas, manifestação dum velho rito zoolátrico castrejo, no qual animais considerados sagrados eram adorados como deuses tutelares.

Julgo poderão considerar-se os dois referidos testemunhos zoolátricos como manifestações de ordem espiritual com raízes em Trás-os-Montes e na Galiza.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Fevereiro de 1984

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR \*

Prof. Jub. de Antropologia e de Sociologia da F. C. Univ. do Porto,  
do Seminário de Estudos Galegos e da Real Academia Galega (Corunha)

\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

### Subsídios

À Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia para actividades no ano de 1984, em trabalhos de campo e de gabinete, publicação de trabalhos e em especial da revista da Sociedade «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» e sua distribuição pelos sócios e entidades nacionais e estrangeiras com quem permutamos, foram concedidos os seguintes subsídios:

Direcção-Geral do Ensino Superior (em 27 de Janeiro de 1984) . . . . .	337.500\$00
(em 28 de Março de 1984) . . . . .	112.500\$00
Fundação Calouste Gulbenkian (em 10 de Julho de 1984) . . . . .	200.000\$00
Câmara Municipal de Chaves (para trabalhos no Castro da Curalha, em 23 de Fevereiro de 1984) . . . . .	100.000\$00
Câmara Municipal de Sabrosa (para trabalhos no Castro de Sabrosa, em 27 de Junho de 1984)	15.000\$00
Câmara Municipal de Boticas (para trabalhos de estudo dos Castros do Concelho, em Junho de 1984 . . . . .	50.000\$00
(em 17 de Agosto de 1984), por complemento dos trabalhos feitos na campanha de 13 a 20 de Junho de 1984 . . . . .	28.876\$00

As entidades que, acedendo aos pedidos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, concederam os subsídios que se indicam são devidos agradecimentos que reconhecidamente se lhes testemunham em nome da Sociedade a que tenho a honra de presidir, e em meu nome pessoal.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Presidente da S. P. A. E.